
“Achei que era favela”: provocações e confluências entre *juruás*¹ e o povo Guarani Mbya²

João Marcelo Flores de Bras³
Universidade Paulista – UNIP

Erick dos Santos Matos⁴
Universidade Paulista – UNIP

Milena Santana Signor Avelar⁵
Universidade Paulista – UNIP

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a confusão recorrente entre comunidades indígenas urbanas e favelas, observada principalmente no contexto da cidade de São Paulo, onde os Guarani Mbya do Jaraguá são frequentemente invisibilizados por meio da linguagem e da geografia do preconceito. A partir de referências como Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Sueli Carneiro, Frantz Fanon, Gayatri Spivak, Milton Santos, Achille Mbembe e Antonio Bispo dos Santos, o texto articula uma análise que é ao mesmo tempo, poética, crítica e insurgente. Favela e aldeia são pensadas aqui não como opostos, mas como territórios coletivos que compartilham a experiência da exclusão e da potência do comum.

Palavra-chave: indígena urbano; favela; território; decolonial.

Quando se diz “achei que era favela” diante de uma aldeia urbana, o que está em jogo não é uma simples confusão, trata-se da manifestação de uma estrutura que insiste em tornar invisíveis os que escapam ao ideal urbano. Partimos dessa afirmação para investigar como aldeias urbanas do povo Guarani Mbya no Jaraguá, são frequentemente lidas e associadas automaticamente ao estigma da favela, uma “cartografia do erro” que leva a questão: aldeia ou favela? As respostas são múltiplos atravessamentos, porém ligados pelo mesmo preconceito.

¹ Juruá: língua Guarani, se refere aquele que pertence ao mundo dos brancos.

² Trabalho apresentado no GP15 – Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

³ Doutor, bolsista docente UNIP. Pesquisador URBESOM. jmarcelobras@gmail.com

⁴ Mestrando do PPGCOM UNIP (Bolsista CAPES PROSUP). Pesquisador URBESOM. erickdossantosmatos@gmail.com

⁵ Doutoranda do PPGCOM UNIP (Bolsista CAPES PROSUP). Pesquisadora URBESOM. signormila@hotmail.com

A proposta é tensionar essa confusão, para Fanon (2008), a cidade colonial é compartimentada: ela separa, rotula e hierarquiza. Favela e aldeia, embora diferentes em origem, são ambas mantidas fora dos limites do centro. E talvez por isso, compartilhem tanto, não apenas nas vulnerabilidades, mas na resistência, na produção de saberes próprios e na (re)invenção cotidiana.

As aldeias gritam, seus cantos, suas danças, sua *opy* (casa de reza) e sua arquitetura do comum denunciam uma outra forma de sociabilidade. Ainda assim, continuam sendo renomeadas por aqueles que não escutam. "Favela" vira um estigma genérico para tudo o que escapa ao centro.

Para Mbembe (2018), o poder colonial não apenas domina espaços, mas também sentidos. A confusão entre favela e aldeia é uma operação de silenciamento, um gesto que impede o reconhecimento da espiritualidade, da organização social e da ancestralidade como dimensões fundamentais de presença. Ao identificar uma aldeia como favela, nega-se a sua dimensão simbólica, cosmopolítica e ritual. Trata-se de uma violência epistemológica, pois desloca o centro de inteligibilidade da existência e a enquadra nos moldes da marginalidade.

Se a terra foi invadida, os rios poluídos e os caminhos interditados, resta o corpo como último refúgio, carregando inscrições: histórias, saberes, feridas e rituais que escapam ao controle do concreto "armado". Nego Bispo (2021), diz que é preciso pensar em confluências, não em encontros. A cultura marcada deslocamentos forçados e apagamentos sucessivos, reorganiza-se em novas confluências de pertencimento.

Nessa perspectiva, a espiritualidade não está separada do corpo, tampouco da política. Dançar, pintar-se, cantar, resistir, são formas de manter viva a aldeia em trânsito. Trata-se de uma diáspora que não se move para fora, mas dentro do próprio território: o indígena escapa não pela fuga, mas pela criação de espaços simbólicos que desafiam a lógica da extinção. O corpo torna-se um manifesto, um quilombo nômade. Uma floresta que caminha.

Referências

BISPO, Antônio. **Colonialismo e epistemicídio: perspectivas do Sul**. In: CARNEIRO, Sueli; ALVES, Jaime; GONZALEZ, Lélia et al. *Pensamento Negro Decolonial*. São Paulo: Zahar, 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

CARNEIRO, Sueli. “**A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.**” In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (org.). Estudando relações étnico-raciais: abordagens teóricas e metodológicas. MEC, 2005.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. **Corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonialismo e Quilombos: modos e significados.** São Paulo: Dandara, 2021.